



O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH): ESSÊNCIA OU APARÊNCIA DO FENÔMENO?

CORREA, Silvana Serra Costa. **O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH): Essência ou aparência do fenômeno?** Florianópolis: Id Acadêmico, 2024.

RESUMO

O artigo tem como objetivo de evidenciar o tratamento adequado aos portadores de TDAH, isto é, medicamentos ou através de técnicas voltadas para trabalhar a questão psicossocial desses indivíduos. Quando nos deparamos com um aumento tão expressivo no número de prescrições de medicamentos, surge a questão: qual é o embasamento teórico que orienta as práticas médicas e psicológicas na contemporaneidade em relação ao psiquismo? Neste contexto, ganha destaque a crítica feita pela Escola de Vigotski, no século passado, à concepção idealista da psicologia, que via as habilidades humanas como meras consequências do amadurecimento do organismo ao longo do desenvolvimento. O psiquismo humano era então compreendido de forma abstrata, sem levar em consideração as influências das determinações econômicas e sociais que o moldam. Nesta pesquisa, utilizou-se uma metodologia que envolveu uma revisão bibliográfica por meio do Google Acadêmico. Foram coletados diversos trabalhos científicos e artigos provenientes de periódicos nacionais das últimas décadas, com ênfase em publicações da revista Scielo. Foram excluídas obras que não contribuem diretamente para o tema abordado. O estudo seguiu uma abordagem qualitativa e descritiva. Resumidamente, a gestão dos desafios resultantes do TDAH está ligada à implementação de ações que promovam uma abordagem renovada na área da Educação. É essencial que a atuação educativa seja embasada em entendimento, resolução, persistência e calma, no entanto, apenas esses aspectos não são suficientes.

Palavras - Chave: TDAH, Prescrição de medicamentos, Práticas médicas e psicológicas.

SUMMARY

The article aims to highlight the appropriate treatment for patients with ADHD, that is, medication or through techniques aimed at working on the psychosocial issues of these individuals. When we are faced with such a significant increase in the number of medication prescriptions, the question arises: what is the theoretical basis that guides contemporary medical and psychological practices in relation to the psyche? In this context, the criticism made by the Vygotsky School in the last century against the idealist conception of psychology, which saw human abilities as mere consequences of the organism's maturation throughout development, stands out. The human psyche was then understood in an abstract way, without taking into account the influences of economic and social determinations that shape it. In this research, a methodology was used that involved a bibliographic review using Google Scholar. Several scientific works and articles from national periodicals from recent decades were collected, with an emphasis on publications from Scielo magazine. Works that did not directly contribute to the topic addressed were excluded. The study followed a qualitative and descriptive approach. In short, managing the challenges resulting from ADHD is linked to the implementation of actions that promote a renewed approach in the area of Education. It is essential that educational action is based on understanding, resolution, persistence and calm, however, these aspects alone are not enough.

Keywords: TDHA, Prescription of medications, Medical and psychological practices.

INTRODUÇÃO

Assim como o Autismo, o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) é também considerado um distúrbio comportamental e que pode confundir seu diagnóstico por semelhanças em suas características. No entanto, crianças e/ou adolescentes diagnosticadas com este transtorno apresentam os sintomas de alterações na atenção, dificuldade na concentração, agitação, fala excessiva, dificuldade em concluir tarefas, desorganização, dentre outras. Segundo (SILVA; MULICK, 2014) afirma que o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é identificado por três sintomas principais: falta de atenção, impulsividade e agitação física e mental excessiva. Geralmente aparece na infância e, em aproximadamente 70% dos diagnósticos, persiste na idade adulta. Ele afeta tanto homens quanto mulheres, independentemente do nível de educação, situação financeira ou background cultural.

Nesse contexto, o processo de integração ao acesso de todas as crianças à educação, independente das suas limitações, estão referenciados constitucionalmente através dos documentos como a: Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), que dá a pais ou responsáveis a obrigação de matricular os filhos em escolas regulares, a Declaração de Salamanca (1994), que define as políticas, princípios e práticas da Educação Especial e influi nas políticas públicas da Educação Brasil (1994). Escola e família podem e devem caminhar juntas nesta ação.

A esse respeito Bossa (2011) explana que é importante esclarecer aos responsáveis e instituição de ensino que é fundamental realizar consultas médicas regulares conforme orientação do médico para cada situação específica.. A própria escola deve acompanhar os feitos do médico, quanto à medicação e às mudanças de fases e evolução do transtorno.

Deste modo, Paín (2008) afirma que a escola deve, ainda, caminhar junto aos pais para fortalecer o método utilizado em ambos os ambientes escolar e familiar, com o propósito de alcançar resultados mais eficazes para o tratamento do sujeito em questão. Neste caso acreditamos que o diagnóstico atual (TDAH) está concretizado, porém segundo Silva (2014), o TDAH não se apresenta sozinho. A presença de

transtornos associados, que se desenvolvem como consequência do TDAH é denominada comorbidades.

Nesse sentido, as instituições de ensino devem estar preparadas para realizar o processo de inclusão, isto é, o estado deve viabilizar a qualificação dos professores da educação básica e fomentar a parceria escola e família.

TDAH: essência ou aparência do fenômeno?

Quando nos deparamos com um aumento tão expressivo do número de prescrições medicamentosas, somos levados a indagar: qual a concepção de psiquismo que fundamenta tal prática médica e psicológica na contemporaneidade? Nesse sentido, adquire notável atualidade a crítica feita pela Escola de Vigotski, no início do século passado, à psicologia idealista, segundo a qual as faculdades especificamente humanas se manifestam ao longo do processo de desenvolvimento como simples consequência do amadurecimento orgânico. O psiquismo humano era compreendido “no abstrato”, à margem das determinações econômicas e sociais em que se constituía.

Assim, as funções psicológicas superiores seriam constantes e comuns a todas as épocas e a todos os homens.

Da perspectiva idealista, o que fugia à norma, ou melhor, à concepção burguesa de normalidade, era facilmente entendido como disfunções individuais, produto do mau funcionamento do organismo.

Com o advento do neoliberalismo, esse processo de deslocamento das questões sociais para o plano individual tornou-se ainda mais intenso.

A normatização da vida cotidiana tem por corolário a transformação dos problemas da vida em doenças, em distúrbios. Surgem, então, os distúrbios de comportamento, os distúrbios de aprendizagem, a doença do pânico, apenas para citarmos alguns entre os mais conhecidos. O que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria... tudo é transformado em doença, em um problema biológico, individual. (COLLARES, MOYSÉS, 1996, p. 75).

O uso cada vez mais disseminado de medicamentos em crianças consideradas portadoras de TDAH, nesses últimos anos, sugere a prevalência dessa visão idealista, naturalizante e biologizante acerca da constituição do psiquismo humano. Esse tipo de tratamento é dirigido às manifestações individuais de supostas disfunções do

cérebro, separadas da realidade objetiva e do contexto em que se desenvolvem. Um exemplo dessa concepção pode ser encontrado em Berkeley, autor de prestígio internacional cujo trabalho sobre o tema alcança um volume expressivo de vendas e tem servido de referência a vários pesquisadores brasileiros. Segundo ele, o TDAH é:

Transtorno de déficit de atenção... Cadernos de Pesquisa, v.40, n.139, jan./abr. 2010 125 um transtorno do desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção, com o controle do impulso e o nível de atividade. [...] Esses problemas são refletidos em prejuízos na vontade da criança ou em sua capacidade de controlar seu próprio comportamento relativo à passagem do tempo – tendo em mente futuros objetivos e consequências. Não se trata apenas [...] de uma questão de estar desatento ou hiperativo. Não se trata apenas de um estado temporário que será superado, de uma fase probatória, porém normal, da infância. Não é causado por falta de disciplina ou controle parental, assim como não é o sinal de algum tipo de “maldade” da criança. (BARKLEY, 2002, p. 35).

Do ponto de vista do autor, a criança nascida com esse transtorno teria poucas chances de desenvolver suas funções psicológicas superiores como levam a pensar a afirmação que segue:

Um dos aspectos mais inquietantes do TDAH para os pais é que ele evolui com o crescimento da criança. O que funcionou aos 6 anos pode não funcionar com a idade de 16 anos. Até 80% das crianças em idade escolar com diagnóstico de TDAH continuarão a ter a doença na adolescência, e entre 30 e 65% continuarão a apresentá-lo na vida adulta, dependendo de como o transtorno é definido em cada caso particular. (BARKLEY, 2002, p. 105).

A redução que ele opera, isto é, a transformação de uma função superior, como a atenção e o controle voluntário do comportamento, em uma função primitiva ou puramente biológica, é bastante explícita:

Encaro o TDAH como um transtorno do desenvolvimento da capacidade de regular o comportamento com um olho voltado ao futuro. Acredito que o transtorno tenha sua base numa área do cérebro com subatividade que, enquanto amadurece, fornece meios crescentes de inibição comportamental, de auto-organização, autorregulação e previdência. [...] a deformidade comportamental causada por essa subatividade é pernicioso, insidiosa e desastrosa em seu impacto na capacidade de uma pessoa lidar com seus afazeres diários críticos, através dos quais os seres humanos se preparam para o futuro, próximo ou distante.

(BARKLEY, 2002, p. 40).

Essa concepção do desenvolvimento como amadurecimento orgânico, entendido como algo que se dá independentemente do contexto, do meio social e das relações em que a criança está inserida, opõe-se radicalmente à concepção de desenvolvimento e aprendizagem na abordagem da psicologia histórico-cultural. Nesta última, as funções psicológicas superiores, das quais fazem parte a atenção e o controle voluntário do comportamento, não são meros processos endógenos, mas dependem fundamentalmente da apropriação dos signos da cultura, possibilitada pela constante mediação de outros homens.

O que chama a atenção ainda no discurso de Barkley – sedutor, mas não baseado em pesquisas sólidas – é que ele confunde comportamentos resultantes de danos cerebrais ou lesões com “disfunções”, quando o cérebro possui integridade estrutural. A visão idealista se revela na ideia de que as características humanas são dadas pelo simples “amadurecimento biológico” das estruturas e das funções corticais, estas totalmente desconectadas de qualquer vínculo externo. Opera-se assim a dissociação clássica entre mente e corpo, indivíduo e sociedade, característica de muitas vertentes da psicologia. Essa dissociação, que ignora a unidade entre esses elementos no processo de humanização e secundariza a atividade humana como constituinte do psiquismo, foi criticada por diversos autores, entre os quais Vigotski, Leontiev e Luria, na primeira metade do século XX.

A citação a seguir é bastante ilustrativa: A teoria que discute neste capítulo indica que a porção frontal do cérebro, ou outras partes intimamente relacionadas, também deve estar envolvida nos cinco processos mentais que fluem a partir da habilidade de inibir nosso comportamento. Portanto, é a porção frontal do cérebro que nos dá poderes para o autocontrole e a capacidade de direcionar nosso comportamento para o futuro.

[...] Mas, como mostrou Joaquim Fuster em seu livro que trata do córtex pré-frontal, nosso conhecimento sobre pacientes humanos e primatas com lesões nessa porção do cérebro sugere que se trata provavelmente disso mesmo. [...] A natureza neurológica desenvolvimental do TDAH contradiz diretamente nossas crenças fortemente mantidas de que o autocontrole e o livre-arbítrio são totalmente determinados por indivíduos e sua formação. Acredito que tal contradição forma a base da maior parte da resistência da sociedade em admitir esse transtorno como parte das

incapacidades de desenvolvimento (BARKLEY, 2002, p. 77).

Há muitos outros aspectos que poderiam ser analisados a partir do trabalho de Barkley, mas nos limitamos àqueles que norteiam suas explicações, a saber: a aproximação entre o desenvolvimento animal e humano, reduzindo o último ao primeiro; a universalização de determinados comportamentos ao desconsiderar sociedade, cultura e classe social como fontes de aprendizagem e de desenvolvimento; a redução de funções psicológicas superiores, como a atenção e o controle voluntário do comportamento, a funções primitivas, puramente biológicas.

É interessante observar como o autor explica a falta de evidência científica de suas afirmações, o que, levado às últimas consequências, desqualificar a psicologia como ciência:

Enquanto você estiver lendo, tenha em mente como é difícil produzir provas científicas diretas de qualquer coisa que possa causar um problema de comportamento humano. Os experimentos necessários para dar evidências diretas e conclusivas de o TDAH ser, por exemplo, causado por danos na porção frontal do cérebro de uma criança em desenvolvimento são simplesmente impensáveis. Portanto, os cientistas do comportamento que desejarem estudar as causas biológicas do TDAH estarão frequentemente buscando informações altamente sugestivas para uma causa que não poderá nunca ser comprovada com absoluta certeza. (BARKLEY, 2002, p. 79).

É fácil compreender que o público leigo se deixe levar por esse tipo de discurso sedutor, calcado em crenças e opiniões. Mas que cientistas o façam, é uma outra discussão, que remete à origem da psicologia como ciência. A psicologia científica, como explica Tuleski (2004), nasce em um momento de crise do capital e é marcada pelo reacionarismo da burguesia. São várias as correntes que naturalizam características e fases de desenvolvimento e que ignoram cultura, meio e classe social.

A pergunta que nós fazemos aqui é: o que faz com que essa postura volte a prevalecer hoje, depois de ter sido contestada, com base em evidências empíricas e científicas, já no início do século XX? A Escola de Vigotski abre uma nova perspectiva para a compreensão do psiquismo, ao introduzir a categoria de atividade, que permite ver o homem dialeticamente, como produto e produtor da sociedade e de si próprio.

Como sustentam Marx e Engels (1986, p. 56), “as circunstâncias fazem os

homens assim como os homens fazem as circunstâncias”. Vigotski lembra a sexta tese sobre Feuerbach, na qual Marx afirma que o homem é o conjunto das relações sociais.

O homem só se torna homem, sujeito de seus próprios atos, nas relações com outros homens, relações que, interiorizadas, se tornam “funções da personalidade e formas de sua estrutura” (VIGOTSKI, 2000, p. 27).

Se o homem sintetiza as relações próprias da sociedade em que vive, como veremos ao longo deste texto, os elementos constitutivos de sua atividade e dele mesmo são as apropriações e as objetivações sociais (DUARTE, 1993). Ele só se tornará homem “se incorporar em sua subjetividade formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com ele convivem” (SAVIANI, 2004, p. 46).

A patologia parece estabelecer-se nas relações sociais pautadas pelo imediatismo e pela rapidez. Ao invés de se buscarem as causas, tratam-se os sintomas. O TDAH é descrito como dificuldades para processar e medir adequadamente a enorme quantidade de estímulos e impulsos que atravessam o campo da percepção e da atenção dos indivíduos e dos grupos.

Nesse sentido, Saviani (2004) critica duramente o modo como a psicologia tradicional concebe seu objeto de estudo, afirmando que ela se restringe ao indivíduo empírico, em detrimento do indivíduo concreto.

O empírico é o imediato, “o mundo da aparência”, enquanto o concreto “é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, a unidade do diverso” (MARX, 1987, p. 16), ou “síntese de relações sociais” (SAVIANI, 2004, p. 44).

O concreto contém o imediato justamente porque é capaz de ir além dele, de superá-lo. O fenômeno é entendido em suas múltiplas determinações, isto é, nas relações que o engendram, e não de maneira parcial. Saviani esclarece que a psicologia marxista deve partir do empírico, que se apresenta como um “todo caótico”, para reconstruir, mediante a abstração, a síntese de relações que constitui o indivíduo, não mais como um todo caótico, mas como “uma rica totalidade de numerosas relações” (MARX, APUD SAVIANI, 2004, p. 44).

A sociedade é constituída de relações materiais entre os homens, que se estabelecem principalmente por meio do trabalho. Essas relações são históricas e não podem ser compreendidas fora de seu próprio movimento, que é contraditório. Isso requer que se conheçam suas múltiplas determinações para se aproximar cada vez

mais de sua essência e compreendê-la em sua totalidade (SILVA, 2004).

Se o psiquismo humano é produto da atividade social dos homens, para conhecê-lo é necessário conhecer a totalidade no qual ele está inserido, ou seja, a sociedade. Saviani critica a psicologia tradicional por restringir-se ao estudo do objeto em sua forma empírica. Para ele, “fazer ciência é reduzir o complexo ao simples; é reduzir o empírico às suas determinações gerais, o que é obtido por um processo de abstração em que se opera a análise dos dados da experiência” (SAVIANI, 2004, p. 45). 2. A psicologia tradicional é entendida aqui como as vertentes idealistas e materialistas mecanicistas criticadas por Vigotski (1999) em “O significado histórico da crise da psicologia”.

Kosik, por sua vez, identifica na postura empirista a pressa do homem em conhecer a verdade, postura própria do misticismo. Neste sentido ele corrobora que:

Como as coisas não se mostram ao homem diretamente tal qual são e como o homem não tem a faculdade de ver as coisas diretamente na sua essência, a humanidade faz um détour para conhecer as coisas e a sua estrutura. Justamente porque tal détour é o único caminho acessível ao homem para chegar à verdade, periodicamente a humanidade tenta poupar-se o trabalho desse desvio e procura observar diretamente a essência das coisas (o misticismo é justamente a impaciência do homem em conhecer a verdade) (KOSIK, 1995, p. 27).

Essas considerações nos levam a questionar se a concepção na qual se assenta a definição do TDAH como transtorno de origem orgânica, hoje quase consensual no âmbito da ciência médica e psicológica, não é uma forma de evitar o détour, na tentativa de contornar as contradições do objeto de estudo. Visto que os sintomas diagnosticados como TDAH vêm atingindo proporções epidêmicas, como já assinalamos, suas manifestações cobram um encaminhamento teórico-prático urgente.

Contudo, essa urgência não justifica práticas não fundamentadas em uma análise rigorosamente científica. Compreender o fenômeno de forma individualizada, medicando maciçamente crianças e adolescentes em resposta a supostas disfunções cerebrais e desconsiderando os processos sociais objetivos em que o psiquismo se constitui, não seria se limitar à aparência do fenômeno, sem buscar sua essência? Não seria reeditar concepções mecanicistas e/ou idealistas, desconsiderando as críticas a que foram submetidas no interior da psicologia pela vertente teórica fundamentada nos pressupostos do materialismo histórico-dialético (MEIRA, 2003;

MEIRA, TANAMACHI, 2003; MARTINS, 2007).

Método

Neste estudo, foi adotada uma abordagem metodológica que consistiu em fazer uma revisão da literatura utilizando a plataforma do Google Acadêmico. Foram reunidos diferentes textos científicos e artigos publicados em revistas científicas nacionais ao longo das últimas décadas, com destaque para publicações da revista Scielo. Foram excluídas as obras que não estavam alinhadas com o tema em estudo. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e descritiva. Segundo Gil (1999), a pesquisa qualitativa é explicada da seguinte maneira:

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (GIL 1999, p.42).

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), é destacado que tanto a pesquisa documental quanto a pesquisa bibliográfica abordam os diversos estudos relacionados ao tema, sendo essas bases teóricas fundamentais para a condução da pesquisa. Marconi e Lakatos (2003, p. 158) afirmam que: “O conjunto do material coletado, aproveitável e adequado variará de acordo com a habilidade do investigador, de sua experiência e capacidade em descobrir indícios ou subsídios importantes para seu trabalho”.

O estudo qualitativo também foi um norte desta pesquisa. Seu objetivo é explorar profundamente o fenômeno, coletando relatos e investigando particularidades e vivências individuais. Segundo Chizzotti (2009), pesquisas qualitativas possuem cinco características fundamentais que as definem. Algumas delas são: imersão no ambiente natural, dados descritivos, foco nos processos, atenção ao significado e uso de análises indutivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a administração dos problemas decorrentes do TDAH está relacionada à adoção de medidas que incluem um novo direcionamento na Educação. É fundamental que o trabalho educacional seja integrado com compreensão, determinação, perseverança e paciência, mas, somente isso não basta.

Por enquanto, a melhor medida de contorno das dificuldades encontradas pelos alunos com TDAH em sala de aula parece ser a mudança de postura do professor, no sentido de tornar o ensino mais participativo, solidário, democrático, criativo e reflexivo, ao mesmo tempo em que as políticas educacionais devem contribuir para a promoção social de todos, em sua diversidade.

A pesquisa mostra a importância dos cursos de formação de professores no Ensino Superior contemplarem a reflexão sobre as práticas escolares enraizadas no dia-a-dia da escola. A formação docente, compromissada com as transformações sociais, ao apontar para a urgência de se colocarem as práticas escolares no centro das discussões educacionais, poderá abarcar os problemas relacionados ao transtorno, em suas diferentes dimensões.

Quanto às formas de interpretação do TDAH, entende-se que se deva ultrapassar a discussão dicotômica sobre quem seriam os culpados pelo desempenho escolar dos alunos com o transtorno – geralmente, ora a escola ora o aluno –, buscando a superação da questão, a partir da compreensão de sua complexidade. Além disso, no atual contexto educacional brasileiro há muitos fatores que contribuem para um baixo rendimento escolar, como superlotação das salas de aula, defasagem na formação de professores, má remuneração financeira, concentração dos objetivos de ensino aprendizagem no âmbito cognitivo, aluno padrão como ponto de referência, os mesmos objetivos para todos os alunos entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Declaração Mundial de Educação para Todos (1990).** Disponível em: <https://brainly.com.br › Artes › Ensino superior>. Acesso em 13 de julho de 2024.
- BARKLEY, R. A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade.** Porto Alegre: Artmed. 2002.
- BOSSA, N.A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 4. ed. Rio de Janeiro: Wak 2011.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 10.ed. São Paulo, editora Cortez, 2009, p.52.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização.** São Paulo: Cortez, 1996.

- DUARTE, N. **A Individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. Campinas: Autores Associados, 1993.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Para a crítica da economia política, v.1, p.3-25. (Col. Os Pensadores).
- MARTINS, L. M. **A Formação social da personalidade do professor**. Campinas: Autores Associados, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas; 2008.
- MEIRA, M. E. E. TANAMACHI, E. R. **A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação**. In: MACHADO, A. M. et al. *Psicologia escolar: práticas críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p.11-62.
- SAVIANI, D. **Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade**. In: DUARTE, N. (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade* Campinas: Autores Associados, 2004. p.21-52.
- SILVA, M. MULICK, J. A. **Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas**. *Psicologia, ciência e profissão*, 2014, 29 (1), 116 – 131. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n1/v29n1a10.pdf>. Acesso em: 13 de Jul. de 2024.
- TULESKI, S. C. **Reflexões sobre a gênese da psicologia científica**. In: DUARTE, N. (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade* Campinas: Autores Associados, 2004. p.121-143.
- VIGOTSKY, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. O Método instrumental em psicologia, p.93-102.
- _____. **Manuscrito de 1929. Educação & Sociedade**, v.21, n.71, jul. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc & pid=0101733020000002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101733020000002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 14 de julho de 2024.